



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
TECNOLOGIA, INFRAESTRUTURA E
TERRITÓRIO (ILATIT)
GEOGRAFIA (BACHARELADO)**

**USO DO TERRITÓRIO NA CIDADE DE SÃO PAULO: UMA ANÁLISE
SOCIOESPACIAL DA PICHÃO E DO GRAFITE**

NOME: PEDRO PAULO DE ALMEIDA

Foz do Iguaçu
Ano 2024



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
TECNOLOGIA, INFRAESTRUTURA E TERRITÓRIO
(ILATIT)
GEOGRAFIA (BACHARELADO)**

USO DO TERRITÓRIO NA CIDADE DE SÃO PAULO: UMA ANÁLISE SOCIOESPACIAL DA PICHÃO E DO GRAFITE

NOME PEDRO PAULO DE ALMEIDA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Infraestrutura e Território da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Drº Zeno Soares Crocetti

Foz do Iguaçu
Ano 2024

USO DO TERRITÓRIO NA CIDADE DE SÃO PAULO: UMA ANÁLISE SOCIOESPACIAL DA PICHÃO E DO GRAFITE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de infraestrutura e território, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Geografia.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Doutor Zeno Soares Crocetti
UNILA

Prof. Doutor Leandro Trevisan
UNILA

Prof. Doutor Sergio Henrique de Oliveira Teixeira
UNILA

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor: Pedro Paulo de Almeida

Curso: Geografia (Bacharelado)

		Tipo de Documento
(X) graduação	(.....) artigo	
(.....) especialização	(.....) trabalho de conclusão de curso	
(.....) mestrado	(.....) monografia	
(.....) doutorado	(.....) dissertação	
	(.....) tese	
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais	
	(.....) _____	

Título do trabalho acadêmico: Uso do território na cidade de São Paulo: Uma análise sócio espacial da pichação e do grafite

Nome do orientador: Zeno Soares Crocetti

Data da Defesa: ____/____/____

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported*.

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de _____.

Assinatura do Responsável

Dedico este trabalho em primeiro lugar a minha mãe que não encontra –se mais neste plano, onde o sonho dela tornou – se realidade que era ter um filho formado na universidade pública.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço ao meu professor orientador não só pela constante orientação neste trabalho, mas sobretudo pela sua amizade e todo o conhecimento que obtive e foi passado diante os anos ao meu lado.

Também em especial a minha mãe que hoje não encontra –se aqui neste plano para presenciar todo meu esforço e minha dedicação para obtenção desse título de Bacharel em geografia que sempre sonhei e também meu pai que foram pessoas excelentes em minha caminhada.

Claro que também não poderiam ficar fora desses agradecimentos, meus colegas e companheiros de rua que desde 1996 em São Paulo passamos por diversos casos de apuros e também momentos felizes, pois em especial Smith psadelo, Vogal, Dionr, maionese mutantes e parrela ones e a todos da grife os infernais dedico este trabalho.

*“Na madrugada escrevendo ao lado da solidão a
Pichação que conforta o meu coração cada pixo
Uma história um sentimento”
Nasa.....*

RESUMO

O presente trabalho tem o intuito de dissertar sobre o grafite e a pichação juntos as desigualdades paulistanas desde do surgimento até como ao observar – se e relacionar a um ato de descontentamento dentro das fragmentações da cidade de São Paulo que se da através do uso cooperativo da metrópole.

Dessa forma o presente trabalho discutira sobre as ações dos grafiteiros e pichadores perante suas ações e como o estado tem promovido ações contra o movimento, pois o crescimento desigual da metrópole paulista e o uso do solo a favor do capital imobiliário promove o surgimento de novos grupos subjacentes que fazem da paisagem um imenso laboratório social e da voz aos invisíveis que residem na cidade de São Paulo.

Assim a pichação e o grafite são ferramentas essenciais na geografia para uma análise sócio espacial em que a cidade cresce desordenadamente e seus espaços passam a ser ocupados pelas letras e desenhos indecifráveis por muitos como forma de pertencimento, dizendo a cidade não tem dono e pertence a todos e isso abre um diálogo como o corporativismo empresarial e ações de higienização promovidas pelo estado promovem a ações desses jovens advindos das partes mais pobres da cidade de São Paulo.

Palavras-chave: fragmentação; metrópole; paisagem; grafite; pichação.

RESUMEM

El objetivo de este trabajo es discutir el graffiti y la pichação junto con las desigualdades de São Paulo, desde su surgimiento hasta cómo son observados y relacionados con un acto de descontento dentro de la fragmentación de la ciudad de São Paulo, que ocurre a través del uso corporativo de la metrópolis.

De esta forma, este trabajo discutirá las acciones de grafiteros y pichadores y cómo el Estado ha promovido acciones contra el movimiento, ya que el crecimiento desigual de la metrópolis paulista y el uso del suelo a favor del capital inmobiliario promueve el surgimiento de nuevos grupos subyacentes que convierten el paisaje en un inmenso laboratorio social y dan voz a los invisibles que residen en la ciudad de São Paulo.

Los graffitis y pintadas son así herramientas esenciales de la geografía para un análisis socioespacial en el que la ciudad crece de forma desordenada y sus espacios son ocupados por letras y dibujos indescifrables para muchos como forma de pertenencia, diciendo que la ciudad no tiene dueño y es de todos, lo que abre un diálogo sobre cómo el corporativismo empresarial y las acciones de saneamiento promovidas por el Estado promueven las acciones de estos jóvenes de las zonas más pobres de la ciudad de São Paulo.

Palabras clave: Fragmentacion; Metrópolis; Paisaje; Graffiti; Pichação.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to discuss graffiti and pichação together with the inequalities of São Paulo, from their emergence to how they can be observed and related to an act of discontent within the fragmentation of the city of São Paulo, which occurs through the corporate use of the metropolis. In this way, this work will discuss the actions of graffiti artists and pichadores and how the state has promoted actions against the movement, since the uneven growth of the São Paulo metropolis and the use of land in favor of real estate capital promotes the emergence of new underlying groups that turn the landscape into an immense social laboratory and give voice to the invisible who reside in the city of São Paulo. Graffiti and graffiti are essential tools in geography for a socio-spatial analysis in which the city grows disorderly and its spaces are occupied by letters and drawings that are indecipherable by many as a form of belonging, saying that the city has no owner and belongs to everyone, and this opens up a dialogue on how business corporatism and sanitization actions promoted by the state promote the actions of these young people from the poorest parts of the city of São Paulo.

Key words: Fragmentation; Metropolis; Landscape; Graffiti; Pichação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Estacionamento Avenida 09 de Julho	01
Figura 2 – Garagem CMTC São Paulo	02
Figura 3 – Bravos grapixo zona oeste Pirituba	03
Figura 4 – Metro de New York	04
Figura 5 – tags escritas feitas na Rua Frei Caneca	05
Figura 6 – Álbum de rock AC/ DC	06
Figura 7 - Álbum de rock iran maidem	07
Figura 8 – Álbum de rock metálica	08
Figura 9 – Álbum de rock Slayer.....	09
Figura 10 – Álbum de punk rock ratos de porão crucificados pelo sistema	10
Figura 11 – Álbum de punk rock cólera	11
Figura 12 – Point vale do Anhangabaú ladeira das memórias	12
Figura 13 - Folha de A4 Rolex, presidio 34, pgmeus e Rui Amaral	13
Figura 14 - Psadelo Smith em ação em um galpão na Mooca	14
Figura 15 – cão fila Km 26	15
Figura 16 - Agenda em pinheiros Avenida cardeal Arco verde	16
Figura 17 – Zona Leste Itaquera picho Alma	17
Figura 18 – Centro de São Paulo Os mais imundos e os Registrados	18
Figura 19 - Edifício na Avenida Teodoro Sampaio Pinheiros	19
Figura 20 - Ilustração do livro São Paulo Signature Chastanet	20
Figura 21 – Reprise e Micos zona sul Avenida Jabaquara	21
Figura 22 – Lorotas, rasta Boys, ilegais e arsenal zona oeste Osasco.....	22
Figura 23 – Melancia grafs	23
Figura 24 – Autopsia zona oeste Bomb centro de São Paulo.....	24
Figura 25 – Reprise e Tuca Avenida Santa Catarina Zona sul de São Paulo	25
Figura 26 – Keps agenda zona sul Grajau	26
Figura 27 – Área central de São Paulo terminal bandeira.....	27
Figura 28 – Paulo Ito copa do mundo no pais da fome	28
Figura 29 – recorte Folha de São Paulo pichações anos 80	29

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 EVOLUÇÃO SOCIOESPACIAL DA PICHANÇA E DO GRAFITE NA CIDADE DE SÃO PAULO.....	16
1.1 Gênese do movimento do grafite e Pichança.....	18
1.2 Interpretações Sobre o Desenvolvimento do movimento.....	22
2. A RELAÇÃO ENTRE O GRAFITE E A PICHANÇA COM O MOVIMENTO ROCK IN ROLL E HIP HOP;.....	23
3. ENCONTROS ENTRE OS GRUPOS DE PICHADORES NA CIDADE DE SÃO PAULO NOS POINTS	26
4 CIDADE COORPORATIVA E O PIXO.....	28
5 O PRIMEIRO PICHADOR DA CIDADE DE SÃO PAULO.....	29
6 COMO AS CONCEPÇÕES DE IDEOLOGIAS DO GRAFITE E DA PICHANÇA TRANSFORMAM A PAISAGEM;.....	32
7 AS DIFERENTES TECNICAS DE INTERVENÇÃO DA PICHANÇA E INICIO DO GRAFITE EM SÃO PAULO.....	33
8 ARQUITETURA COMO SUPORTE E COMBATE A PICHANÇA E O GRAFITE.....	40
9 QUAIS AS DETERMINAÇÕES QUE MOTIVARAM A ESCOLHA DE DETERMINADOS LOCAIS PARA A PRÁTICA DO GRAFITE E DA PICHANÇA E O NOME DOS GRUPOS.....	45
10 O ANONIMATO E O TAMANHO DA CIDADE DE SÃO PAULO.....	54
11 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
12 REFERÊNCIAS.....	57
13 ENTREVISTAS	58

1 INTRODUÇÃO

A geografia é uma ciência cuja suas bases epistemológicas podem ser aplicadas a diversas áreas cotidianas. Pensar em espacialidade, fazer a leitura crítica da paisagem, dentro da geografia é algo essencial para se compreender o mundo em que vivemos e seus conflitos. Esse conceito está totalmente associado a Geografia humana através de uma interpretação de qualquer fenômeno que possa interferir na cidade ou no campo.

Foi pensando no espaço urbano e também na segregação socioespacial na “macrourbanização”¹ ou marginalização de determinadas pessoas ou grupos sociais por fatores culturais, econômicos, históricos ou raciais, que a pichação e o grafite assumem papel preponderante como meio de manifestação cultural subjacente, fazendo uma associação direta entre o espaço urbano e suas relações sociais. Esses eventos se materializam através da paisagem urbana da cidade de São Paulo, numa interferência que reconfigura toda estética imposta por um processo de urbanização higiênico e excludente, onde o espaço, organizou-se dinamizando o fluxo de matéria prima, produção e mercadorias. Assim a infraestrutura presente nesse espaço torna-se possível de análise conceituais sobre o surgimento de grupos de resistência subjacentes que vem crescendo cada vez mais perante uma nova ordem econômica mundial imposta cada vez mais com violência dentro da cidade de São Paulo através de aplicativos e financeirização desses territórios tornando insustentáveis a vida dos trabalhadores onde um novo cotidiano passa ser exigido através do tempo produtivista na sociedade atual.

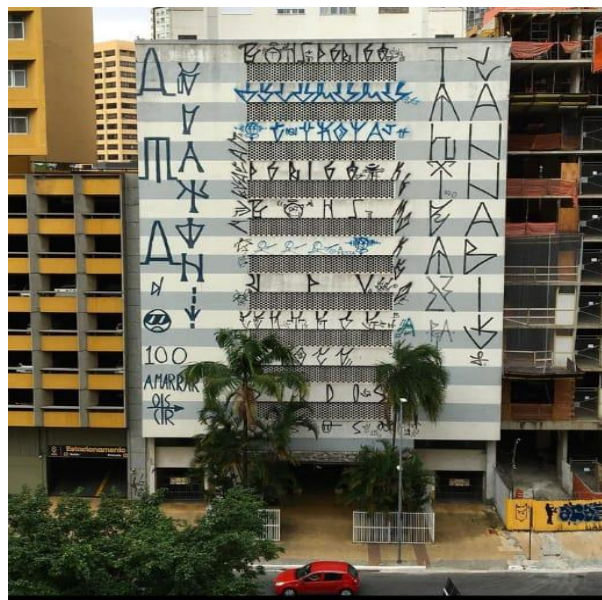
O termo pichação é referido a qualquer intervenção visual não autorizada seja em propriedade pública ou privada este trabalho tende a demonstrar como os pichadores e grafiteiros não traçam essa distinção com o enfoque das assinaturas que demarcam a cidade de São Paulo e como esse sistema de comunicação entre os grupos de pichadores e grafiteiros passa a ser uma forma de comunicação dentro de um território completamente reticulado, interpretação construída nas ideias de; Quadrículas redes do poder, cabe aqui informar que Raffestin não elaborou o conceito de território reticulado, mas articulou ideias, ele ficou mais conhecido por suas contribuições e análises das relações entre poder e espaço. Para ele os territórios contemporâneos não são mais estruturas geográficas fixas e estáticas, mas sim sistemas dinâmicos e interconectados. O espaço geográfico não é

¹ A macrourbanização é um conceito trabalhado por Santos (2005/87)

mais definido apenas por fronteiras políticas rígidas, mas é moldado por redes de relações e interações complexas que transcendem essas fronteiras.

Essas redes de relações podem ser de natureza econômica, política, social, cultural, tecnológica e ambiental. Para Milton Santos, o território é entendido como um espaço dinâmico e multifuncional, influenciado tanto por fatores internos quanto externos. Ele propõe que o território seja visto não apenas como uma área delimitada por fronteiras físicas, mas como um espaço de relações sociais, políticas e econômicas. Santos destaca a importância das horizontalidades e verticalidades no território, que é formado tanto por lugares contíguos quanto por redes, refletindo a complexidade das interações humanas e a influência da globalização. Enfatiza a necessidade de reconhecer e valorizar o território compartilhado, baseado na solidariedade e na vizinhança. Eles apenas tatearam o conceito. Minha interpretação desse conceito se baseia nas explicações do professor Zeno e em sua publicação (2023), onde elabora um conceito de território reticulado, (...) *território reticulado, está relacionado à ideia de territorialidades que se sobre põem umas às outras, e se expressam mais em rede, com uma lógica reticular, do que em zonas contíguas. Isso implica um sentido de pertencimento, uso e vivência em um recorte do espaço que é dominado e manipulado pelos agentes, tornando-o multifuncional e incorporando o tempo vivido (...)*

IMAGEM : 1



FONTE: Autor (05/02/2018 Avenida 09 de Julho)

A pichação e o grafite são fenômenos marcantes da cidade de São Paulo, onde estende-se para diversos locais do território paulistano tanto o grafite como a pichação em sua essência têm caráter de intervenção visual não autorizada na propriedade pública ou privada. Sendo assim este trabalho demonstrará como no Brasil existe uma divisão entre os pichadores e grafiteiros na cidade de São Paulo e como isso explica a desigualdade na metrópole.

A pichação são essas assinaturas estilizadas onde representam uma comunicação entre os grupos com letras trabalhadas artisticamente e bem definidas, que também passam a representar uma forma de poder dando sentimento de pertencimento da cidade e sendo vista também como uma forma de protesto de jovens contra a intenção de uma cidade higienizada.

Também dentro da cidade de São Paulo o grafite também tornou-se uma referência mundial, em particular, os chamados *bombs* onde de forma mais trabalhada que as pichações passam a ser colocados nas paredes com cores e contornos conforme a imagem abaixo ilustrando os grupos VOGAL e NASA na zona leste da cidade de São Paulo.

IMAGEM 2



Fonte Autor: 05/01/2018 Garagem CMTc São Paulo

1 . EVOLUÇÃO SOCIO ESPACIAL DA PICHAÇÃO E DO GRAFITE NA CIDADE DE SÃO PAULO.

As paisagens urbanas estão impregnadas de manifestações artísticas e culturais que fazem parte do dia, dia das pessoas da cidade de São Paulo.

Assim a evolução do grafite e da pichação reflete a todas as mudanças sociais, políticas e culturais ao longo de décadas e ambas as formas de expressão tem raízes profundas na cidade de São Paulo e tem sido influenciada por uma variedade de fatores.

A pichação muitas vezes considerada uma forma de expressão mais política e contestatória, teve suas origens em São Paulo nas décadas de 1964 e 1970 inicialmente era uma forma de protesto e afirmação de identidade dos jovens da periferia da cidade, muitas vezes marginalizados e excluídos. As mensagens políticas e sociais muitas vezes escritas com letras garrafais e de fácil escrita em locais como viadutos e muros das principais avenidas deixavam mensagens políticas e dizeres contra a ditadura militar da época.

O grafite por outro lado começou a ganhar destaque no final dos anos 80 e início dos anos 90 influenciado pela cultura hip hop que espalhava – se pelo mundo, o grafite em São Paulo rapidamente tornou – se referência mundial onde artistas como Os gêmeos, titi freak, Nunka, Zezão e outros trazem uma nova estética e abordagem ao grafite.

Dessa forma ao longo de décadas o grafite como a pichação evoluíram e misturaram alguns aspectos. Por exemplo muitos grafiteiros começaram como pichadores e isso fez com que o Brasil venha a tornar – se precursor na arte de rua onde muita experimentação foi testada como o “GRAPIXO” que é grafite e pichação na escrita do nome de certos grupos onde o pixo é feito com contornos coloridos e muito mais trabalhado artisticamente.

Além disso, a aceitação da arte de rua obteve um crescimento significativo na cidade de São Paulo com abertura de diversas galerias de arte e até mesmo projeto e patrocínios significantes para eventos e projetos de rua.

Hoje em dia São Paulo é considerada um dos principais centros de arte urbana do mundo, com diversos grafites e pichações espalhadas pela cidade. E enquanto a pichação ainda é vista por alguns como um problema de vandalismo alguns tratam como arte e vem sendo cada vez mais valorizado como uma forma de expressão cultural legítima.

Embora a pichação e o grafite tenham origens distintas ao longo de algumas décadas teve momentos de integração e conflito entre as duas formas de expressão e este aspecto

é importante para a cena artística e cultural da cidade de São Paulo, refletindo tensões mais amplas em torno da identidade do espaço urbano.

Na imagem abaixo pode verificar os estilos e formas como são feitos os grafixos onde o pixo é contornado e mais bem trabalhado com técnicas do grafite

IMAGEM 3



Fonte: Autor 07/02/2021 Bravos grafixo zona oeste Pirituba

Essa técnica de utilização do pixo também é aceita por muitos onde as cores soam com maior intensidade deixando o trabalho mais colorido onde a experimentação brasileira de origem paulistana vem ganhando novos adeptos e espaços.

Atualmente sabe – se que na cidade de São Paulo, é possível encontrar a existência dos mais diversos e variados tipos de grafias sejam da pichação ou do grafite, no entanto podem atender as inúmeras variedades e finalidades. Tanto o grafite como a pichação surgem de atos de rebeldia e protestos contra a negação dos espaços da cidade e torna – se um grito dos invisíveis ao passo que foi ganhando visibilidade e se preencheu de novos contornos e conteúdo.

1.1 Gênese do movimento grafite e pichação

Desde os homens (tempos) da caverna, humanoides (pessoas) sempre utilizaram as paredes como meio de comunicação, a evolução (assim passando –se o tempo até) chega aos muros da cidade moderna.

O fenômeno da pichação se inicia com a *tag* assinatura pessoal, onde nas ruas de New York quem mais tinha assinaturas pela cidade maior seria o reconhecimento e isso foi tornando–se uma disputa pela cidade, dessa maneira foi disseminado pelas ruas dos EUA em (New York) e passado algumas décadas, por volta de 1970 espalha-se pelo mundo.

O pioneiro desse movimento, (O primeiro a fazer isso) foi TAKE 183, morador da rua 183 no Harlem, bairro de New York, essa intervenção semiótica alastrou–se por toda a cidade e foi muito reconhecido entre os demais de sua mesma época, pois ele utilizou o sistema de metro, essa estratégia possibilitou que sua marca se espalhasse pela cidade onde os vagões eram todos marcados com sprays e canetões.

IMAGEM 4



Fonte: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Nysubwaytrain.jpg>

Para Ley e Cibriewski (1974) essas assinaturas foram associadas as marcas territoriais das gangues de New York, onde essas quadriculas de poder rivalizavam entre os vários territórios, o que não é diferente da cidade de São Paulo.

Esses grupos quando passaram – se a espalhar –se pela cidade através das chamadas crews que são grupos onde estão reunidos desde DJs, B-boys e os grafiteiros faz com que o movimento ganhasse cada vez mais força, se ligando e tudo isso está ligado ao movimento do hip hop que tem como um dos pilares o RAP (ritmo e poesia).

Para compreender a essência do grafite e da pichação em São Paulo é necessário compreender New York dos anos de 1970, como berço dessa expressão de rua e OBSERVANDO aos próprios grafiteiros que tinham como referência os estadunidenses onde na década de 1980 surgem os primeiros grafiteiros na cidade de São Paulo, e nos anos 90 vem a geração que vai marcar o grafite paulistano como referência mundial

Dessa maneira a chegada do movimento *hip hop* e *rock in roll* no final da década de 1980 tornou São Paulo o palco e espaço geográfico dessa produção histórica, social, econômica, política e cultural, onde muitos jovens vindo geralmente da periferia da cidade obtiveram contato com o movimento através da dança e do grafite na estação São Bento do metro onde existia um local aberto da estação que era utilizado aos sábados para apresentações de certos grupos de dança e Mcs e grafiteiros.

Assim tem início também os primeiros grupos de RAP, grafite e dança da cidade de São Paulo e com isso o HIP HOP ganha cada vez mais força na periferia da cidade e junto a isso vem o movimento da pichação, onde muitos jovens de periferia sentiam a necessidade de sua existência e para isso utilizavam a cidade como suporte de suas escritas conhecidas como pichação.

A pichação ela é bem diferente dos *tags* estadunidenses segue uma estética própria e de criação totalmente paulistana, pois os traços são retos e seguem como as escritas parecida dos discos de rock in roll, que chegavam na galeria do rock em São Paulo na década de 1980 início dos anos 1990.

Na década de 70 houve um grande número de pessoas que mudaram – se para São Paulo segundo (DA CUNHA) 1995 não existe dúvida que a cidade de São Paulo entre 1950, 1960 e 1970 evidenciaram uma importante modificação na distribuição espacial da população especificamente na região de São Paulo.

Durante essas décadas São Paulo passou por um intenso processo de urbanização e industrialização, atraindo milhares de migrantes de áreas rurais e do nordeste do país em busca de trabalho e oportunidade na cidade.

Este rápido crescimento populacional resultou em problemas de habitação, infraestrutura precária e marginalização das comunidades periféricas onde a desigualdade socioeconômica é uma característica marcante em um país em que a elite no poder

concentra sua riqueza enquanto parte da população carece de políticas públicas eficazes e falta de acesso a serviços públicos básicos como saúde e educação.

E assim em meios todos esses problemas surgem esses movimentos subjacentes paralelamente aos desafios enfrentados pelas comunidades periféricas contradizendo as normas e valores dominantes onde influenciados pela música hip hop, rock in roll esses jovens advindos da periferia passam a buscar maneiras de expressões mais autênticas.

Dessa maneira para muitos jovens da periferia da cidade de São Paulo o grafite e a pichação torna –se meios de afirmação de identidade e voz ao meio um ambiente em que os marginalizam e escreverem os seus nomes ou efetuarem seus desenhos em espaços públicos ou privados é uma maneira de reivindicar o espaço e visibilidade na cidade.

Então a pichação e o grafite passam como uma forma de protesto contra o status quo, desafiando as leis e transformando o ambiente urbano em uma imensa tela para expressarem suas totais insatisfações com a cidade que tem um caráter higienista.

A gênese do movimento da pichação e do grafite está totalmente enraizada nas condições de vida de seus agentes onde as condições socioeconômicas e culturais de São Paulo nas décadas passadas, refletem a busca por identidade, expressão e resistência em um contexto de desigualdade e marginalização de seus ocupantes advindos das periferias.

Pois tanto o grafite como a pichação passam a refletir as condições precárias e marginais que vivem seus agentes que na maioria são jovens, através de desenhos retorcidos com letras grandes e agressivas em meio ao caos paulistano faz isso torna –se marca registrada do movimento.

O grafite em São Paulo nas décadas de 1980 inicia –se com o hip hop no largo São Bento dentro da estação do metrô, esses encontros aconteciam geralmente aos sábados e ali muitos jovens frequentavam para troca de informações como discos, festas e tendências da cultura hip hop.

A estação São Bento era um local muito importante aos entusiastas do hip hop onde ocorriam as performances dos breaks dances e onde os grafiteiros exibiam seus trabalhos nos cadernos e cartolinas.

Essa cena underground cresceu ao longo do tempo, com grupos de rap surgindo e se apresentando em festas e eventos por toda São Paulo. A estação São Bento foi um dos locais emblemáticos desses movimentos emergentes ajudando na disseminação da cultura hip hop pelo Brasil.

Segundo FRANCO (2009) nesse período já existiam grupos de grafiteiros como o Tupi não dá, Zé Carratu, Jaime Prades e John Haward e Ciro antes de 1980

no período de plena ditadura mas não chegaram a crescer internacionalmente como a segunda escola do grafite paulistano na década de 1990 dos artistas como OS Gemeos, Nunca, Zezão, Titi Freak e Highraff.

Ao longo dos anos o grafite em São Paulo foi ganhando uma variedade de estilos através de seu caráter e originalidade paulistana e brasileira, onde muitos não tinham dinheiro para comprar spray e também por não possuírem latas específicas para grafite, assim a escola brasileira do grafite fez diversas adaptações como a utilização de tinta látex com spray pratica brasileira.

Assim a cidade de São Paulo torna –se um centro importante para o grafite no Brasil e no mundo, com artistas locais ganhando reconhecimento internacional e participando de eventos ao redor do mundo.

Atualmente o grafite faz parte da paisagem urbana de são Paulo, contribuindo para a identidade cultural da cidade onde para Milton Santos, a paisagem.

Nada tem de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e a paisagem que se transforma para se adaptar as novas necessidades da sociedade (SANTOS, 1997, p. 37)

Nessa perspectiva é reforçada a importância do grafite e da pichação para paisagem urbana da cidade onde no mundo atual, existe uma crescente ampliação das relações econômicas em escala mundial medidas por novos sistemas de técnicas e práticas políticas de interesses de interesse de grandes grupos econômicos criando cada vez mais a segregação entre as pessoas.

E tanto o grafite como a pichação questionam as desigualdades territoriais através de suas escritas ou desenhos embora para muitos o grafite seja distinto da pichação não existe os dois movimentos interligam – se na cidade de São Paulo pois muitos grafiteiros foram pichadores.

Dessa forma tanto o grafite como a pichação abrem um debate sobre o espaço público e privado onde seguem moldando a identidade da cidade e refletindo as tensões sociais, políticas e econômicas que a caracterizam.

Sabe – se que as leis em relação ao grafite e a pichação podem variar de acordo com o local da cidade, pois existem lugares destinados ao grafite em São Paulo e outros locais em que existem diversos tipos de seguranças patrimoniais e grande fiscalização por parte da prefeitura para evitar as ações dos pichadores.

O processo de espraiamento da cidade de São Paulo cria –se processos de tensões

entre residentes de longas datas em certos espaços e os agentes da pichação e do grafite resultando em disputas pelo uso do espaço da cidade em que a cidade impõe o ideário de uma metrópole mundial sem levar em conta os espaços fragmentados de onde surgem esses grupos da cultura subjacente.

Embora muitos pichadores e grafiteiros são oriundos da periferia eles tem uma maneira de conceber com a cidade entre o centro e a periferia dialogando de certa maneira com a dinâmica da metrópole de São Paulo onde muitos utilizam o centro como lugar estratégico sendo um espaço de passagem por todos.

Dessa maneira as dinâmicas da periferia entre a pichação e o grafite extravasa os bairros em particular, pois para esses jovens sair para grafitar ou pichar outras regiões é muito mais importante do que mesmo permanecer em seus bairros e assim se tornam agentes diretos do movimento.

1.2 Interpretações sobre o desenvolvimento do movimento

O desenvolvimento do movimento do grafite e da pichação paulistana pode ser interpretado de várias formas, mas este trabalho preocupou – se em destacar questões como a expressão de identidade, resistência, transformação espacial urbana os conflitos e estigmatizações e como promover o diálogo cultural e integrar junto a isso de forma não agressiva por parte das autoridades.

O desenvolvimento da pichação e do grafite em São Paulo é um fenômeno que pode ser interpretado de várias maneiras desde uma expressão de identidade e resistência até uma forma de arte urbana e dialogo cultural então o movimento numa cidade tão adversa pode passar por uma gama de etnias, sociais e culturais que podem se reunir para colaborarem em projetos de arte de rua.

Ao longo de décadas tanto o grafite como a pichação foram sinônimos de marginalização com o decorrer e avanço da sociedade passaram a ser cada vez mais reconhecidos e valorizados como forma de expressão cultural legítima onde projetos como arte e cultura na quebrada no bairro de São Miguel Paulista passaram a ser de extrema importância para a região.

O evento arte e cultura na quebrada chega a reunir por ano cerca de quinze a vinte mil pessoas, é voltado totalmente as vertentes da cultura de rua como o grafite, pichação, break DJS e MCS e isso movimenta o local financeiramente dando força ao movimento e ganhando cada vez mais adeptos.

Muitos moradores do Bairro de São Miguel Paulista localizado no Extremo leste da cidade de São Paulo criavam uma perspectiva errônea sobre o movimento do grafite e da pichação, pois em sua grande parte são trabalhadores e os meios midiáticos muitas vezes passam a ser um agente de construção cognitiva dos mesmos.

De certa forma a partir do momento que o movimento começa a tomar proporções significativas como projetos em escolas como muralismo com temas de conscientização o pixo como forma de escrita codificada para se passar mensagens vi –se a necessidade de um evento que nos dias atuais já passam dos 13 anos de duração e com grande apoio da comunidade local.

Isso quebra toda uma lógica quando se imagina a cidade de São Paulo e relaciona a arte de rua automaticamente vem a Vila Madalena onde o capital financeiro cooptou muitos artistas advindos da periferia e assim reconhecem como um dos principais pontos artísticos da cidade, claro que na gênese do desenvolvimento do movimento ele advém das partes mais carentes da cidade.

E da mesma forma que expressam que a vila Madalena expressa os grafites mais vibrantes da cidade o bairro de São Miguel também pulsa a mesma trajetória, mas de acordo com Santos (2007) cada homem tem seu valor pelo território que está ocupando e seu valor muda –se a tanto para pior ou melhor de acordo com a sua acessibilidade onde as oportunidades não são as mesmas.

Isso deixa claro a importância no desenvolvimento de mais projetos voltados ao movimento nos bairros periféricos da cidade de São Paulo, pois a fragmentação da cidade torna seus ocupantes reféns de seus bairros e de acesso à cultura e tanto o grafite como a pichação em seu diálogo com a cidade passam a servir como uma ferramenta propulsora de cultura de resistência.

2. A RELAÇÃO ENTRE A PICHÇÃO E O GRAFITE COM O MOVIMENTO ROCK IN ROLL E HIP HOP

Na cidade de São Paulo existem diversos tipos de escritas nas ruas, mas nem todas elas podem ser definidas como a pichação de escrita reta baseada exclusivamente nos discos de rock e punk rock da época final da década de 1980 e início dos anos 1990.

É muito comum andar pelas ruas da cidade de São Paulo e depara-se com diversos tipos de escrita e traços, mas a pichação de escrita reta ela é exclusiva da metrópole paulistana.

IMAGEM 5



Fonte: Autor 30/09/2018 Rua: Frei Caneca

Nos períodos atuais é muito comum nas ruas encontrar as escritas conhecidas como *tags* que são as assinaturas originalmente criadas pelos estadunidenses na década de 1970 e 1980 e no Brasil utilizada por muitos grafiteiros como modo de assinarem seus trabalhos, na imagem abaixo expõem como são o formato dessas escritas.

Já a pichação em suas letras retas muitas vezes indecifráveis por muitos cidadãos teve início estético no final dos anos 80 e início dos anos 90, onde através da chegada de discos de rock in roll e punk rock serviram como inspiração a muitos jovens de periferia de São Paulo para a criação de seus letreros.

Para elaboração de suas escritas como apelidos ou nomes dos grupos eram utilizados os álbuns das imagens abaixo como AC/DC, IRAN MAIDEN, METALICA, SLAYER e nacionais RATOS DE PORÃO E CÓLERA .

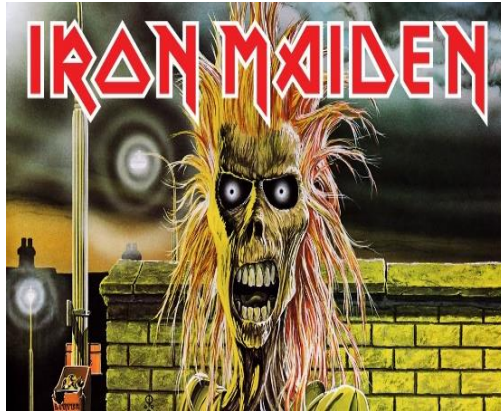
Dessa forma os primeiros letreros das pichações começam a surgir dando as fontes precisas e originais da estética paulistana e para melhor se ter uma percepção basta comparar as imagens abaixo dos álbuns com os letreros das pichações e como tem uma relação muito próxima do movimento o rock in roll.

IMAGEM 6



Fonte: AC/DC

IMAGEM 7



Fonte: Iron Maiden

IMAGEM 8



Fonte: METALICA

IMAGEM 9



Fonte: SLAYER

IMAGEM 10



Fonte: ratos de porão

IMAGEM 11



Fonte: Cólера

3. ENCONTROS ENTRES OS GRUPOS DE PICHADORES NA CIDADE DE SÃO PAULO NOS POINTS

Cabe também ressaltar que muitos desses jovens advindos das partes mais carentes da cidade criam os chamados points que são os locais onde cada grupo ou jovem se encontrarão para conversar ou até mesmo marcar suas saídas pela cidade para efetuarem seus traços.

Na década de 1980 e início dos anos 1990 um dos primeiros points e mais conhecidos da cidade de São Paulo era o Borba Gato que ficava localizado na zona sul de São Paulo na praça Augusto Tortorelo de Araújo na região de Santo Amaro com o fim desse point início –se outro na região da lapa conhecido como o MAC da lapa próximo à estação de trem.

Esses points eram os locais onde jovens advindos de todas as partes da cidade de São Paulo se reuniam para conversar e trocar assinaturas entre eles como uma forma de respeito e registro do movimento pois como os próprios pichadores dizem o pixo se apaga mais a amizade permanece.

Depois desses dois points tiveram mais dois bem conhecidos que foi o point do vergueiro próximo à estação do metrô paraíso e do vale do Anhangabaú localizado na ladeira das memórias no centro de São Paulo, esses points eles também passam a ser locais efêmeros e não muito duradouros por se tratar do encontro de muitos jovens advindos da periferia então é constante as batidas policiais e denúncia de comerciantes e moradores das redondezas.

Já nos anos 2000 um dos principais points que existiram foi da 24 de maio ao lado da galeria Olido, onde também encontra-se a galeria do rock próximo ao lado do largo do Paissandu, era toda quinta feira os encontros e também passavam vários jovens e adeptos da pichação paulistana para conversarem e trocarem folhas de papel a4 e guardarem em pastas os registros desses grupos.

Muitos desses jovens ou colecionadores obtêm pastas que servem como arquivos onde esses registros permanecem em folhas de papel A4 guardados, pois tanto a pichação como o grafite são efêmeros então dessa forma fica ali em pastas arquivadas como registros do movimento e reportagens que saem suas pichações e grafites pela cidade. Para melhor entender a imagem abaixo demonstra um dos points mais conhecidos da cidade o point do vale do Anhangabaú e em seguida como são registrados os arquivos dos grupos nesses points.

IMAGEM 12



Fonte: Autor 07/03/1997 Point vale do Anhangabaú ladeira das memórias

IMAGEM 13



Fonte: Autor 07/03/1997 Folha de A4 Rolex, presidio 34, pgmeus e Rui Amaral Anhangabaú

Dessa maneira os points funcionam como nós de uma rede onde muitos desses jovens se encontraram para deixarem suas marcas pela cidade e o nome disso é role² assim através desses encontros os grupos ou aqueles que picham individualmente definem as regiões de destino, onde a intenção é demarcar cada vez mais o território paulistano na busca de reconhecimento entre os atores.

Assim tanto a pichação como o grafite ganham força e tornam uma das expressões mais visíveis do território paulistano, pois as fragmentações da cidade de São Paulo deixam claro como a desigualdade promove cada vez mais a criação de movimentos subjacentes como a pichação e o grafite.

² Role na pichação quer dizer forma de sair para pichar a cidade

4. CIDADE COORPORATIVA E O PIXO

A lógica econômica dos operadores do capital através da circulação e do consumo criam imposições através da modernização dos territórios fragmentando cada vez mais a cidade. Assim como o processo de urbanização que privilegia alguns locais em detrimento de outros tornam a cidade intimamente racionalizada então esses processos abusivos fazem que a pichação apareça como um grito dos invisíveis conforme a imagem abaixo onde o jovem do grupo pesadelo exerce suas letras em um galpão na região da Mooca.

IMAGEM 14



Fonte: Autor 05/10/2014 Psadelo Smith em ação em um galpão na Mooca

Na imagem acima está um galpão abandonado na região da Mooca, onde a realidade de São Paulo apresenta uma intensa informacionalização econômica que privilegia alguns lugares organizando o território e deixando ao uso de grandes agentes do capital como Milton Santos em 1990 denomina em metrópole corporativa.

A ampliação desses espaços sob o domínio do modo de produção capitalista faz da cidade de São Paulo um local de contradição onde a diferença não possibilita o diálogo como motor das transformações dessa forma surge a pichação e o grafite como resistência dos espaços, onde a indiferença e a fragmentação aparecem de forma mais acentuada, pois uma parede pichada ou grafitada sem autorização é sinônimo de descontentamento com a cidade.

Assim o pixo e o grafite entram como uma ferramenta de tensão dos espaços negados a grande parte desses jovens desde décadas passadas e a paisagem entra como

uma tela de demonstração de sentimentos e ações contra a racionalização do território.

5. O PRIMEIRO PICHADOR DA CIDADE DE SÃO PAULO

Retomando um pouco mais ao contexto histórico a pichação paulistana surge de maneira exótica na zona sul de São Paulo, onde um senhor queria simplesmente promover a divulgação de seu canil e saia pela cidade escrevendo a localização do mesmo e pelo o que se tem na pesquisa efetuada este senhor foi um dos primeiros a saírem pelas ruas escrevendo o nome de seu comercio algo não corriqueiro na época.

Dono de um canil na década de 1970 ele escrevia Cão FILA KM 26 localizado na estrada da alvarenga zona sul da cidade de São Paulo, essa manifestação acabou inspirando diversos outros jovens, pois criava uma questão subjetiva de quem estava fazendo aquilo pelas ruas e muitos jovens como Marcelo e Buiu entrevistados disseram que foi inspiração para iniciarem suas escritas pela cidade.

Muitos desses grupos de pichadores e grafiteiros advêm das partes mais carentes da cidade, obrigando muitos jovens a se utilizarem da sua própria paisagem, do seu local de moradia em seus bairros como suporte para suas escritas, denunciando a falta de políticas públicas permanente, provocando uma intervenção diretamente na paisagem desses locais mais afastados do centro.

IMAGEM 15



Fonte: Squadafum cão fila Km 26

“há um conflito que se agrava entre o espaço local, espaço vivido por todos os vizinhos, e um espaço global, habitado por processo racionalizador e um conteúdo de origem distante que chega a cada lugar com os objetos e as normas estabelecidas”, trazendo a noção de espaços comandados pelo meio técnico-científico sendo os espaços do mandar, os outros são os espaços do obedecer (SANTOS, 1996, p.106).

Para Rogério Haesbaert (2004), pode-se agrupar a concepção de território em três vertentes fundamentais:

- a) política - referente às relações espaço-poder, em que o território é considerado como espaço controlado por um determinado poder, às vezes relativas ao poder do Estado;
- b) cultural - que prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva na qual o território é visto como um produto da apropriação simbólica de uma coletividade;
- c) econômica - como fonte de recursos, como a dimensão espacial das relações econômicas.

Cabe aqui citar o conceito de "**espaço como instância social**" é fundamental na obra de Milton Santos, especialmente em seu livro "Por uma Geografia Nova." Ele usa esse conceito para argumentar que o espaço geográfico não é apenas um ambiente físico e natural, mas também uma construção social e cultural, moldada pelas relações humanas e pelas estruturas sociais.

Para Milton Santos, o espaço é uma arena onde a sociedade se desenvolve, onde as relações sociais ocorrem e onde a vida cotidiana se desenrola. Alguns dos principais pontos relacionados ao conceito de "espaço como instância social" incluem: A paisagem conforme Santos (1966) é definida pelo conjunto de objetos existentes artificiais e naturais, em determinado território e o espaço passa por uma configuração de exclusão, fazendo que paisagem e sociedade passem através da escrita do pixo expor as dinâmicas sociais, descrevendo uma dialética do lugar através dessa escrita indecifrável.

Pois a pichação e o grafite interagem junto a desigualdade territorial e isso torna o grito dos invisíveis, como sinal de descontentamento com a cidade que cria cada vez mais a segregação sócio espacial e isso fortalece grupos de resistência que vão na contramão da lógica dominante e demonstram assim que a cidade não tem dono é para todos e para isso basta olhar na fachada dois prédios para verificar.

As pichações, assim como o grafite não estabelecem regras em sua escrita com a forma culta da linguagem e muito menos com a propriedade privada ou pública priorizam sua estética a exemplos muitos escrevem pixo com "x" e não ch assim como grafite e não grafiteagem como muitos autores expõe em artigos ou revistas, isso demonstra uma forma de rebeldia e resistência do movimento.

Assim tanto a pichação como o grafite passam a apresentar dentro do território a geografia social dos lugares conforme Santos (1966) aborda que todos os espaços geográficos são determinados pelos movimentos da sociedade, da produção criando um mosaico de relações, formas e sentidos, basta verificar uma paisagem pichada para se ter

essa sensação.

Dessa maneira a geografia esta interligada ao que é conhecer o território sabendo suas relações de poder que atuam no dimensionamento as relações entre pichação e grafite nos espaços conforme Claude Raffestin (1993) destaca a ideia que os territórios modernos são caracterizados por redes de relações e interações que transcendem as fronteiras geográficas tradicionais criando uma reticulação dos lugares conforme a imagem abaixo onde diversos atores deixam suas escritas.

IMAGEM 16



Fonte: Autor 09/10/2018 Agenda em pinheiros Avenida cardeal Arco verde

Para a efetuação deste trabalho foram efetuadas diversas entrevistas pelas ruas da cidade de São Paulo, onde foi demonstrado o descontentamento de muitos jovens com a cidade em relação a lazer e cultura e foi percebido que tanto no grafite como na pichação muitos buscam afirmar sua identidade e presença na cidade mesmo que sintam – se marginalizados ou invisíveis marcam seus espaços dentro do território paulistanos para se fazerem ouvir.

Cabe ressaltar também que tanto o grafite como a pichação é uma forma de arte por alguns, muitas vezes para muitos causa danos ao patrimônio público e privado, abrindo um diálogo de quem é a cidade e para quem ela pertence e como os agentes do capital hegemônico fragmentam a cidade de forma que vem a ser violento aos seus ocupantes.

Em entrevistas efetuadas com muitos agentes do movimento da pichação e do grafite foi relatado o descontentamento com a cidade em suas políticas públicas desde saúde precária a educação sendo possível perceber como esses movimentos culturais refletem

nas dinâmicas sociais e entender as motivações, valores e identidades dos envolvidos e o impacto dessas práticas na vida urbana.

Assim na pesquisa ficou claro como o grafite e a pichação muitas vezes desafiam as fronteiras entre a arte e o vandalismo, entre o público e o privado e como essas expressões podem interagir com os espaços públicos e como são recebidas pelos diversos segmentos da sociedade na contribuição para o debate sobre o acesso a cidade e direito a expressão.

Tanto o grafite como a pichação são expressões efêmeras sujeitas a degradação e remoções ao longo do tempo e este trabalho tem por objetivo documentar e preservar essa cultura subjacente da cidade de São Paulo reconhecendo seu valor como patrimônio cultural e sua contribuição para a história da cidade.

Na cidade de São Paulo é comum encontrar grafites e pichações que abordam temas como desigualdade de renda e falta de acesso a serviços básicos, violência urbana, discriminação racial e fragmentação dos espaços. Assim essas manifestações artísticas podem ser vistas como forma de dar voz aos excluídos e de provocar reflexões sobre as condições de vida nas áreas mais pobres da cidade.

Além disso que muitas vezes o ato de pichar e grafitar os espaços urbanos é uma resposta a falta de oportunidades e a sensação de invisibilidade e marginalização desses jovens enfrentam em bairros de baixa renda. Ao ocuparem os espaços da cidade com suas letras, estes jovens reivindicam seu direito a cidade e chamando atenção para as realidades enfrentadas por suas comunidades.

Assim este trabalho demonstra a importância de notar que nas pichações e grafites tem como o objetivo a denúncia da pobreza, alguns podem ser puramente estéticos, políticos ou pessoais assim a interpretação das mensagens por trás das formas de expressão pode variar dependendo do contexto de cada agente.

6 COMO AS CONCEPÇÕES DE IDEOLOGIAS DO GRAFITE E DA PICHAÇÃO TRANSFORMAM A PAISAGEM

Tanto o grafite como a pichação podem transformar a paisagem de várias maneiras refletindo as ideologias e as preocupações sociais dos artistas abordando questões sociais como política, desigualdade e críticas aos modos em que o estado age através de seus aparatos ideológicos.

Assim em vez de permitirem que a paisagem urbana seja utilizada somente para versão comercial ou institucional a pichação e o grafite passam a dar voz a indivíduos nesse sentido o grafite feito com qualidade artística pode transformar os espaços urbanos

degradados em pontos vibrantes através das cores tornando a paisagem mais atraente e questionadora dependendo do tipo de arte que for exposta nas paredes e muros.

Já a pichação é um confronto direto a uma ordem estabelecida, pois ao marcarmos os espaços urbanos e isso é interpretado como um ato de resistência contra o controle estabelecido pela cidade.

Dessa forma tanto o grafite como a pichação podem servir como formas de diálogo cultural entre diferentes grupos da sociedade. Refletem as vozes e perspectivas daqueles que são marginalizados pela cidade assim ao utilizarem a paisagem como plataforma de escrita ou de desenho proporciona um meio para que essas vozes sejam ouvidas na esfera pública

A presença de grafites e pichações na paisagem urbana muitas vezes gera controvérsia e debate sobre o seu valor artístico, social e legal. Algumas pessoas veem essas formas de arte como uma forma de vandalismo, enquanto outras as consideram expressões legítimas de criatividade e protesto. Esse debate pode levar a uma reflexão mais profunda sobre questões de propriedade, liberdade de expressão e o papel da arte na sociedade.

7. AS DIFERENTES TÉCNICAS DE INTERVENÇÃO DA PICHAÇÃO E INÍCIO DO GRAFITE EM SÃO PAULO

O que se pode ser visto na cidade de São Paulo são letras de diferentes grupos, angulosas e de inúmeros significados onde por um símbolo próprio conhecido como grife (aliança de grupos onde os membros se reconhecem).

Os grupos se variam muito, mas a grife é a mesma, primeiro vemos a marca pictórica da grife em seguida o grupo de pichadores e no final o indivíduo deixa sua assinatura e o ano e assim as inscrições pela cidade passam a exercer um sinônimo de poder territorial onde quem consegue atingir o máximo de escrita pela cidade geralmente é o mais reconhecido entre os grupos e a grife.

Para melhor ilustrar basta observar a imagem abaixo da pichação alma que tem o integrante “bux” de apelido Buchecha onde em seguida ao lado está a grife os cara de pau da zona leste de São Paulo do Bairro de São Miguel Paulista que possui diversos grupos desde a zona leste, sul, norte e oeste.

IMAGEM 17



FONTE: Autor 07/03/2013 Zona Leste Itaquera picho Alma

Na imagem 16 verifica-se o nome do grupo “ALMA” em seguida a assinatura do membro “BUX” a grife que simboliza um desenho de um rosto que significa os caras de pau” e o ano 2023.

Algumas dessas grifes da cidade de São Paulo passaram a disputar vorazmente o território paulistano são os mais imundos e os registrados do código penal da região de Itaquera zona leste, onde a disputa era quem conseguia se destacar mais na cidade, mas no ano de 1998 houve uma desavença entre os integrantes dessas duas grifes e isso gerou uma imensa guerra pelas ruas da cidade gerando mortes e diversas agressões.

Essa disputa durou por dez anos pelas ruas de São Paulo onde no ano de 2008 um acordo findado dentro da penitenciária estabeleceu a paz entre essas duas maiores grifes de São Paulo “ OS Mais Imundos e OS Registrados do código penal. ”

Essas são as maiores grifes da cidade de São Paulo onde abarcam mais de dois mil grupos de pichadores cada uma, hoje em dia elas se espalharam pelo restante do interior de São Paulo e outros estados do Brasil como Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Bahia, Mato Grosso, na imagem abaixo estão as imagens dessas duas maiores grifes da Cidade de São Paulo e hoje do Brasil.

Imagem 18



Fonte: Autor: 02/04/2002 Centro de São Paulo Os mais imundos e os Registrados

Para a geografia o estudo da pichação que surge na cidade de São Paulo demonstra como os territórios passam a ser suscetíveis perante as desigualdades sociais e como esse movimento do pixo ganha força entre os jovens de periferia que cada vez mais sentem a necessidade de aparecer, onde tal fenômeno torna –se um grito dos invisíveis.

Tal pesquisa teve objetivo de demonstrar do poderio que jovens advindos das partes mais pobres da cidade de São Paulo ganharam força através de suas assinaturas deixadas pela cidade onde grupos de pichadores e grafiteiros ganharam poder e através desse movimento conseguem expressar seu descontentamento com a cidade que vem tornando –se cada vez mais seletiva em seus espaços.

São Paulo segundo SANTOS (2009) possui uma modernização incompleta e também seletiva é uma aglomeração brasileira que acolhe as inúmeras expressivas classes médias, uma consequência de sua importante atividade econômica e de seu papel comercial, onde isso cria cada vez mais um território seletivo e um campo fértil para a criação de culturas subjacentes de resistência.

Dessa maneira a pichação e o grafite culturas de resistência periférica crescem cada vez mais na cidade de São Paulo e por ser uma das mais ricas do país nela se exibem contrastes chocantes entre a riqueza de poucos e a pobreza de muitos.

Sendo assim (DA SILVA, 2005) fala que esses homens pobres e lentos abrem um debate novo, e aqui neste trabalho de conclusão demonstra como os pichadores e grafiteiros reveem o significado da tecnosfera e psicoesfera, ondem atribuem novas funcionalidades aos objetos fazendo a comunicação sua arma, onde a utilização de letras indecifráveis para muitos torna –os membros de uma oralidade secundaria.

E esse choque cultural passa a criar uma nova consciência que através das letras e desenhos muitos jovens passam suas mensagens de descontentamento com a cidade que cada vez mais cria desigualdades, através da racionalização de seu território.

A “resistência” no mundo urbano de São Paulo ela pode ser pensada partir da ideia de uma sociedade em rede e para explicar melhor essa conexão os pichadores e grafiteiros criam artifícios através de suas escritas e assim operam numa subjetividade através de uma reinterpretação de suas identidades. Tais grupos são como nós de uma rede que se interligam e se comunicam para além de seus territórios.

Assim a cidade de São Paulo torna – se suporte dessa oralidade secundaria criada por esses agentes onde passam a comunicar –se através de suas escritas e desenhos de grafite passando diversas mensagens, fazendo da cidade um imenso caderno de caligrafia.

Na cidade de São Paulo com o capitalismo em sua fase atual que configura – se na concentração de renda, permite que o neoliberalismo avance cada vez mais aumentando as desigualdades e assim o trabalho e a identidade do trabalhador perdem a sua centralidade que antes teriam em um sistema estatal, ao qual administrava os serviços públicos e os direitos sociais. Trabalhadores de telemarketing, motoristas de Uber, motoboys e entregadores de bicicleta e os demais profissionais que não fazem parte desses aparatos tecnológicos avançados e picham e grafitam passam a veicular – se entre os nós dessa rede e utilizam essa oralidade das ruas como laços de resistência contra a racionalização do território.

Na imagem abaixo o edificio na região de pinheiros bairro de classe alta na cidade de São Paulo demonstra como pichadores de diversas regiões agem, onde existem regras e estética de suas letras a serem seguidas na imagem pode – se identificar pichadores da zona leste, oeste, norte e sul onde cada grupo deixa sua escrita sem escrever por cima de outro.

IMAGEM 19

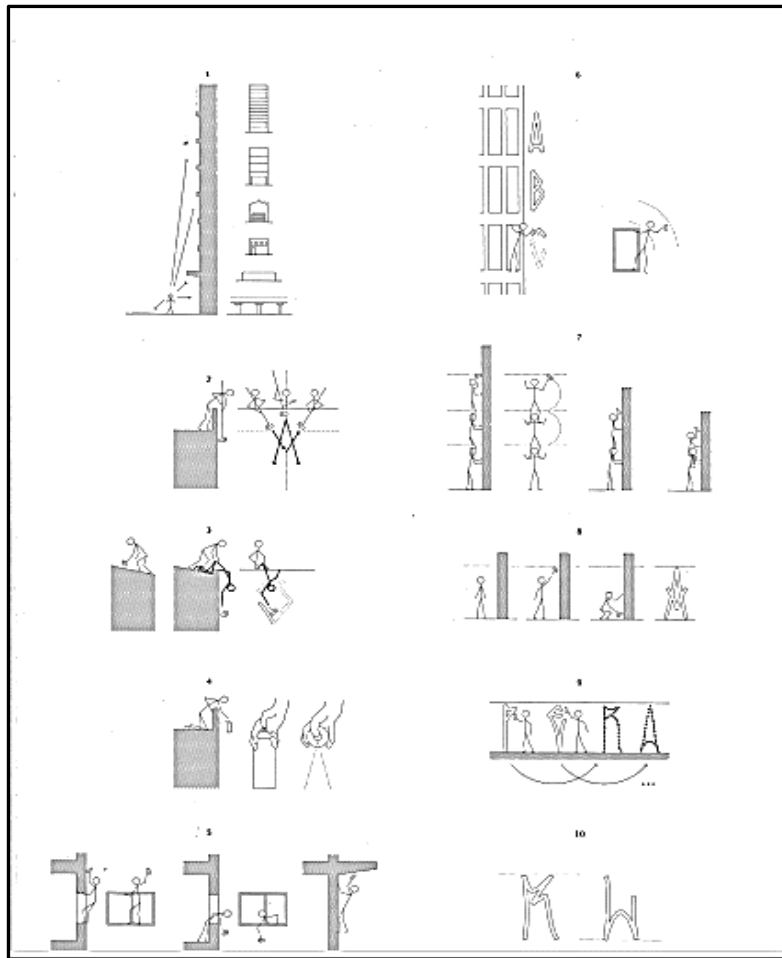


Fonte: Autor 30/07/2020 Edifício na Avenida Teodoro Sampaio Pinheiros

Nessa performance demonstrada na imagem fica claro o respeito entre os grupos onde vão preenchendo os espaços em branco, pois existe uma lei em que jamais pode escrever por cima de outro grupo, isso seria fora da ética e muitas vezes causam até mesmo a morte conforme ocorreu entre os mais imundos e os registrados do código penal.

Muitos agentes da pichação e do grafite utilizam diversos artifícios para efetuarem suas escritas como tinta spray ou rolo de tinta látex geralmente fazem letras grandes e chamativas criando um sistema de comunicação fechado entre os grupos, na imagem abaixo podemos verificar como são efetuadas essas escritas ilustradas por François Chastanet.

IMAGEM 20



Fonte: Chastanet, 2010 p.276

Tanto o grafite como a pichação possuem grande significação para a paisagem de São Paulo onde a contribuição para a transformação contribui de várias maneiras dentre elas a reapropriação dos espaços, identidade cultural e expressão artística.

Na questão da reapropriação dos espaços o grafite pode transformar os espaços abandonados e negligenciados em áreas vibrantes e atrativas assim essa forma de arte pode ressignificar dando voz aqueles que são pertencentes ao território Almeida (2022) relata que tanto o grafite como a pichação simbolizam o desejo de retomada dos espaços é o grito dos excluídos dizendo que a cidade não tem dono e pertence a todos.

Cabe ressaltar a importância de quais são os espaços a serem debatidos na cidade, pois alguns bairros como a vila Madalena tornaram – se atração turística onde muitos atores da pichação e do grafite confirmam em entrevista que houve uma gourmetização do movimento trazendo diversos problemas tais como a cooptação de muitos pela grande indústria cultural promovendo a perda da essência do movimento.

Claro que muitos desses artistas que pintam esses espaços vem da periferia da

cidade e alguns trazem a crítica social, mas muitos de seus colegas e familiares não conhecem esse espaço na cidade, pois a cidade de São Paulo em sua fragmentação torna seus agentes periféricos reféns de seus bairros e assim cria –se uma valorização geográfica dos lugares onde o pixo e o grafite podem ser vistos de forma artística.

Mas ambos o pixo como o grafite em suas concepções ideológicas podem estar por trás de seus praticantes e geralmente refletem por diferentes perspectivas pela cidade.

Para muitos atores da pichação demarcar a cidade em locais proibidos e inacessíveis representa um ato de desobediência civil e uma forma de resistência contra o controle das autoridades da cidade e assim é visto como uma forma de pertencimento através de uma segunda oralidade e ressoa com aqueles que se identificam com ela, onde a paisagem é a plataforma dessas expressões e criações.

Dessa forma para Santos (1966) deixa enfatizado que a paisagem não é algo estático ele é imutável decorrente das mudanças mundiais e locais assim muito mais do que uma vista panorâmica é um palco onde se demonstram as histórias e os conflitos da sociedade e neste sentido a pichação como o grafite ficam – se atrelados a essa perspectiva ideológica e mutação paisagística.

Segundo Althusser (1985) a ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência seja ela religiosa, moral, jurídica e política são as concepções de mundo de cada indivíduo, sendo assim os grupos de pichadores e grafiteiros da cidade de São Paulo advindos da periferia rompem essa barreira e utilizam a paisagem como plataforma de questionamento social.

Dessa maneira as concepções ideológicas do grafite e da pichação soam como uma nova forma de lidar com a cidade, onde muitos desses jovens sejam eles trabalhadores ou estudantes, passam através de uma segunda oralidade entrelaçarem uma comunicação entre os grupos e assim a paisagem aparece como um palco de saberes e acontecimentos em que cada traço de pichação e cada desenho transmitira uma história, ideia ou concepção de vida.

Para SANTOS (1990) o problema habitacional da cidade de São Paulo é revelador da profunda crise em que vive a sociedade então é refletido na paisagem uma estrutura socioeconômica flagrantemente desigualitária e cada vez mais aparente, então os agentes do pixo e do grafite emergem dessas fragmentações.

Pois existe uma visão a respeito do pixo e do grafite de criminalização, impondo o silêncio de parte desses agentes excluídos historicamente a exemplo o artigo 65 da lei de crimes ambientais, lei N° 9,605, de 12 de fevereiro de 1998, que impõem pena de detenção

de três meses a um ano e multa a quem pichar ou grafitar edificação ou monumento urbano.

Atualmente muitas detenções efetuadas nesse âmbito são convertidas em multas ou prestação de serviços comunitários entende – se que deve – se ao fato da sociedade estar mudando suas percepções onde em 2008 o movimento do pixo entrou para o circuito da arte moderna, deixando aos poucos de ser visto como algo transgressor e prova desse fato está no segundo parágrafo da lei de crimes ambientais n° 9605, de 12 de fevereiro de 1998, incluído pela lei n° 12.408, de 2011 que diz que;

Não constitui crime e pratica de grafite realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário e quando couber, pelo locatário ou arrendatário do bem privado e, no caso de bem público com a autorização do órgão competente e a observância das posturas municipais e das normas editadas pelos órgãos governamentais responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional (BRASIL, 1998).

Historicamente oprimir e silenciar o povo sempre foi uma estratégia dos aparelhos ideológicos do estado onde parte de quem está no poder os controla e impõem condições adversas a essas populações periféricas onde através da mídia narrativas são criadas no controle das massas no intuito da privação do diálogo com a cidade.

8. A ARQUITETURA COMO SUPORTE E O COMBATE A PICHÃO E O GRAFITE

Durante o estudo de campo para efetuação do trabalho foi possível constatar uma série de especificidades na arquitetura de alguns prédios e residências da cidade de São Paulo, contra os pichadores e grafiteiros.

Dessa forma essas estratégias de inibir o problema da pintura não autorizada acabam sendo nada eficazes e ainda servem como suporte muitas vezes para alguns grupos utilizando a estrutura como suporte para letras da pichação ou para efetuação de desenho do grafite.

Na cidade de São Paulo é muito comum o uso de revestimento de cerâmica lisa onde a limpeza com jatos de água com muita pressão funcionam e o uso de plantas nos muros também criam a percepção de impedimento da ação.

Claro que essas estratégias construtivas nem sempre são eficazes, pois os grupos ao saírem para efetuação de suas ações procuram observar muito bem as estruturas das edificações e como utilizarão de suporte, na imagem abaixo deixa claro como essa afronta fica perceptiva pois mesmo os ambientes com grades e lanças afiadas não resolvem a

questão da escrita não autorizada e passa a ser um sinônimo de desafio por muitos.

Outros revestimentos como pedras e pastilhas de vidro, por serem muito porosos, só podem ser limpos com ácido e pela difícil limpeza acrescentam pichações ou grafites mais antigos e são alvos preferenciais desses grupos, dessa forma tanto cercas, grades, arame farpado e câmeras tem por objetivo impedir o acesso e isso tem marcado muito a cidade de São Paulo visualmente em que muros são defendidos contra intervenções não autorizadas.

IMAGEM 21



Fonte: Autor 05/12/2014 Reprise e Micos zona sul Avenida Jabaquara

IMAGEM 22



Fonte: Autor 30/02/2016 – Lorotas, rasta Boys, ilegais e arsenal zona oeste Osasco

IMAGEM 23



Fonte: Melancia Grafs

Conforme a imagem ilustrada ficou claro que por mais que a cidade tente algo em suas estruturas contra a intervenção desses atores faz com que os mesmos passem a criar novas modalidades e perspectivas através das estruturas.

IMAGEM 24



Fonte: Autor 05/08/2021 autopsia zona oeste Bomb centro de São Paulo

IMAGEM 25



Fonte: Ruas de Sp

IMAGEM 26



Fonte: Autor 05/03/2021 Keps agenda zona sul Grajau

Assim conforme a imagem demonstrada acima constatou – se como as ações desses grupos intervêm com a arquitetura da cidade e por mais que seja constatado diversos circuitos meios em combate a pratica do grafite ilegal e das pichações torna – se mais desafiador a esses jovens promovendo entre os grupos maior audácia para deixarem suas assinaturas pela cidade.

9 QUAIS AS DETERMINAÇÕES QUE MOTIVARAM A ESCOLHA DE DETERMINADOS LOCAIS PARA A PRÁTICA DO GRAFITE E DA PICHÇÃO E O NOME DOS GRUPOS

Todo pichador e grafiteiro por sinal tem um pouco de geografo dentro de si onde nas escolhas dos locais é observado a localização, movimentos ao redor e como as pessoas poderão refletir sobre a exposição seja o nome do grupo ou a forma que será exposto o grafite.

Dentro da cidade de São Paulo em sua arquitetura é exposto os desafios urbanos

em que a cidade enfrenta como densidade populacional, falta de espaços públicos de qualidade, mobilidade urbana e a desigualdade socioeconômica e de certa forma todos esses problemas que a cidade expõem criam determinações onde e como esses jovens farão para deixar suas marcas.

Em seus roles a maioria dos pichadores saem em dupla ou em grupos somente os mais destemidos arriscam – se a sair sozinhos, pois sabem os riscos que correm nas noites paulistanas.

Assim as pichações e os grafites tornam – se referencias para esses jovens na cidade onde em sua grande maioria muitos reconhecem determinados lugares pelas pichações ou grafites alguns chegam a afirmar que até se guiam pelas marcas na cidade pois se lembram de determinada pichação ou grafite.

Durante a pesquisa para encontrar alguns pichadores e grafiteiros e colher depoimentos, muitos indicavam certas pichações ou grafites como referência até chegar ao local destinado. Falavam que eu observaria em determinados muros onde eu poderia me guiar pelas marcas, e descendo do ônibus no ponto indicado foi avistado uma pichação e um grafite onde era para adentrar.

Dessa maneira foi possível observar e acompanhar o trajeto tanto dos pichadores como dos grafiteiros da zona leste de São Paulo do bairro de São Miguel Paulista até a zona oeste no bairro de pinheiros e isso foi uma excelente oportunidade para observar como são os deslocamentos pelo espaço urbano.

Foi observado que muitos desses pichadores e grafiteiros no deslocamento de casa para o trabalho no centro da cidade faz que muitos passem a observar toda paisagem os espaços em que podem encaixar suas letras ou desenhos e assim o percurso torna –se mais dinâmico e mais atraente criando um aspecto entre os outros grupos tanto de pichadores como de grafiteiros como de onipresença em todos os lugares.

Muitos andam sempre atentos a paisagem urbana durante o trajeto do ônibus, para que nenhuma marca ou local escape de seu olhar, também podem levar nessas viagens ácidos, pincéis e esmeril de furadeira para demarcarem os vidros do coletivo e cabe ressaltar que o coletivo não serve apenas como meio de transporte, mas também como um turismo urbano que possibilite o deslocamento desses jovens.

Muitos desses deslocamentos na cidade de São Paulo são de forma gratuita as idas para os roles, points e festas geralmente são de ônibus principal meio de transporte utilizado por eles na cidade e burlar o pagamento das tarifas é constante geralmente é negociado com o cobrador ou motoristas que em alguns casos também são pichadores ou

grafiteiros e na maioria das vezes permitem que eles utilizem o transporte coletivo gratuitamente.

Assim tanto os pichadores como os grafiteiros obtêm uma forma muito peculiar de olharem a cidade, apesar de serem acusados de deixar mais feio ou bonita eles conhecem como poucos os becos, vielas e ruas assim circulando pelos mais diferentes lugares e regiões, da periferia ao centro passam a ter um conhecimento do território imensamente importante para suas ações.

O muro na cidade tem em sua função separar cada vez mais as pessoas em certa medida são o aparato de exclusão e o risco da pichação e do grafite corta esse concreto e assim tudo que se quer como ordem perde –se na estrutura dos traços e nomes dos grupos que emergem como frutos de uma cidade desigual.

Uma questão para relatar é como são dados os nomes aos determinados grupos chegam a ser bem peculiares e existem diversos motivos para a criação e daí muitos se diferem da ideia da criminalidade, drogas, marginalidade ou loucuras existem casos que muitos abordam nomes dados pela população ou o poder público podem atribuí-los a eles como vândalos, criminosos ou delinquentes.

O nome da pichação tem que ser único não pode existir outra turma de mesmo nome pois o pixo criado a mais tempo possui maior legitimidade nas ruas e caso ocorra de grupos iguais pode acabar em conflitos.

Cabe ressaltar a dialética socioespacial que aflora na pichação e no grafite com o lugar e o mundo, entender o que há de particular nos espaços paulistano e entender que a cidade possui características desiguais e isso cria –se a escrita reta do pixo e personagens de grafite.

Portanto é de extrema relevância esta análise acerca desse movimento, conhecê-lo e buscar compreender os cidadãos que estão inseridos nessa cultura e as multifaces que compõem a cidade de São Paulo onde a desigualdade aflora cada vez mais com o avanço do neoliberalismo e compartimenta a cidade.

Os centros urbanos exercem um papel de poder e segregação onde a cidade passa a ser cada vez mais setorizada em seu planejamento através de gestores conforme Nabarro (2013) o prefeito de nova Iorque Michael Bloomberg advindo de Waal Street passa a comandar a cidade e isso reflete –se aqui no Brasil especificamente em São Paulo com a candidatura de João Agripino da Costa Dória Junior como prefeito da cidade.

Com isso a cidade de São Paulo toma um caráter de uma cidade voltada a gestão

empresarial e muitos gestores urbanos passam a criticar a pichação e o grafite e aqui cabe perfeitamente a noção de território usado tarefa significativa para se pensar nos espaços da cidade associados aos sistemas de objetos e sistemas de ações (SANTOS, 2012) à medida em que se incorpora todos os atores de um lado as materialidades e por outro lado as imaterialidades, constituídas pelas ações.

Dessa forma as ações dinamizam objetos técnicos e naturais assim uma contra a outra condiciona as ações naturais e o espaço é tido como uma condicionante social, desde que seja considerado sua animação pelas forças sociais.

De acordo com Isnard (1978), o espaço é produto dos projetos da sociedade, fusão entre a materialidade e a vida social retratando todas as ações sociais da sociedade e os objetos onde as realidades são indissociáveis buscando um permanente ajuste que alcance um arranjo perfeito segundo as diferentes ordens sociais.

A pichação e o grafite buscam retratar essas condições, pois ao verificar no alto de um prédio uma pichação ou em um grafite com personagens descrevendo a crítica social faz do espaço uma condição de uma realização qualificada.

Na metrópole corporativa e fragmentada, o espaço urbano está impregnado de ideologias e símbolos assim a cidade antes de tudo é um processo revelador de padrões e frações específicas do território e de usos particulares possibilitando como esses jovens podem agir nas escolhas dos lugares para deixarem suas marcas.

Para melhor explicar esse fenômeno a imagem abaixo demonstra como a ação desses grupos seja de pichadores ou grafiteiros expõem suas marcas pela cidade, que são geralmente em locais altos e de grande movimentação para que assim tornem reconhecidos e respeitados entre aqueles que fazem parte do movimento, mas deixando claro que nem sempre isso é bem visto com bons olhos por alguns.

IMAGEM 27



Fonte: Autor 05/09/2020 Área central de São Paulo terminal bandeira

IMAGEM 28



Fonte: Aocubooficial Paulo Ito copa do mundo no pais da fome

Muitas vezes membros do próprio movimento acabam entrando em atrito devido a escolha de locais, pois a cidade é muito disputada em seus espaços e cabe a cada um procurar fazer tanto o seu grafite ou pichação de maneira respeitosa onde em hipótese alguma é aceito pichar ou grafitar por cima de quem já tenha feito primeiro.

Essa também é uma das causas que determinam os locais onde serão expostas as marcas dos grupos, conforme relatos de campo foram contatados até mesmo mortes ocorridas devido um grupo efetuar a escrita por cima do outro tal fato foi consumado na zona leste de São Paulo na avenida jacu pêssego na região de Itaquera.

Conforme colhido em relato de maneira manual o pichador conhecido como Juninho do grupo os mais que dois ao efetuar sua pichação na parede do prédio na região de Itaquera acabou efetuando um traço sobre a pichação do grupo pavilhão passaram – se alguns dias numa quinta-feira no ano de 2015 no point da 24 de maio encontrava – se um membro do grupo pavilhão e ao se encontrarem iniciou – se uma discussão onde foram disferidos alguns disparos. E logo em seguida o membro do grupo os mais que dois Juninho e David do grupo perigo vieram a óbito no local em seguida em uma troca de tiros com os

policiais na região central o membro do grupo pavilhão foi preso em flagrante.

Dessa maneira fica bem claro como as escolhas dos locais são feitas através de muita cautela e cuidado com outras pichações ou grafites para que não ocorra a sobreposição, pois isso pode acarretar em desavenças e muitas vezes resultar até mesmo em morte conforma o relatado.

Assim conforme a imagem acima do edifício pichado é fácil observar que as pichações não sobrepõem uma sobre a outra isso é uma forma de respeito entre os grupos e dessa maneira criam – se as chamadas agendas conhecidas por muitos grupos de pichadores e grafiteiros da cidade de São Paulo onde todos vão preenchendo os espaços deixados por outros grupos.

Para a efetuação deste trabalho ao caminhar pelas ruas de São Paulo tanto com grupos de pichadores como de grafiteiros foi notado o respeito entre os grupos, pois alguns antes de efetuarem seus traços observavam bem o muro para ver se não havia resquícios de pichações antigas ou grafites antigos e ficou bem claro a tensão que pode ser gerada caso alguém venha a transpor essa regra.

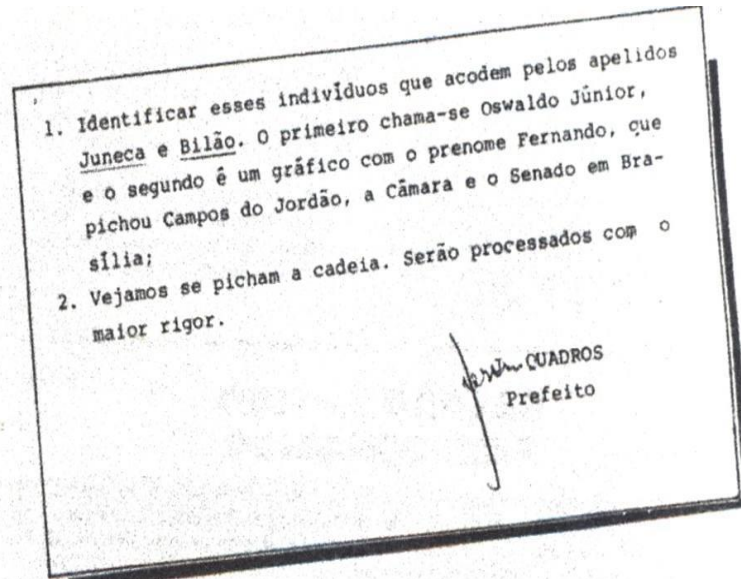
A cidade de São Paulo já adotou diversas medidas para o combate ao grafite e a pichação desde o prefeito Jânio Quadros em 1988 onde foi empreendida uma caça aos pichadores da época conhecidos como Juneca e Bilão, tal fato foi publicado em diversos meios de comunicação dentre eles rádios e jornais da época conforme a imagem abaixo.

IMAGEM 29



Fonte: Jornal Estadão

IMAGEM 30



Os indivíduos que atendem pelos apelidos de Juneca e Bilão, responsáveis por dezenas de pichamentos na Cidade de São Paulo e até em outros Municípios, vão ser identificados e processados pela Assistência Militar do Gabinete do Prefeito. Seu Secretário, Coronel Aristides Trevisan, recebeu memorando do Prefeito Jânio Quadros nesse sentido, indicando que o primeiro responde pelo nome de Oswaldo Júnior, e o segundo é um gráfico com o prenome Fernando.

Conforme ressalta o Chefe do Executivo, em sua determinação, "vejamos se picham a cadeia. Serão processados com o maior rigor".

Fonte: jornal Estadão

O prefeito Jânio Quadros foi conhecido por sua postura rígida contra os pichadores e feirantes da cidade de São Paulo e durante o seu mandato implantou diversas medidas no combate à poluição visual.

Uma das ações mais famosas foi a “operação limpeza”, realizada em sua primeira gestão como prefeito, em 1953. Durante essa operação foram mobilizados diversos funcionários da prefeitura de São Paulo para remover cartazes e escritas efetuadas por políticos da época e também foi promovida a aplicação de multas e prisão a quem fosse pego pichando a cidade.

Em linhas gerais tanto a pichação como o grafite tem como suporte a cidade, onde muitos jovens se apropriam do espaço urbano a partir de inscrições monocromáticas feitas de spray ou rolo de pintura. Assim nesse sentido a subversão pode ser vista como uma característica principal seja politizada ou não na medida em que tanto o grafite como a pichação não são aceitos sem autorização pela sociedade.

Mas partindo da perspectiva de muitos pichadores e grafiteiros, a forma de intervenção coloca em discussão tanto padrões arquitetônicos e sobre tudo a discussão sobre a propriedade privada. Onde na escalada da cidade de São Paulo a pichação e o grafite permite a criação de algumas dinâmicas dentre elas através das marcas reinventando uma nova cidade. (Segundo Michel, 2019) discute como os sujeitos a margem inventam por si sua própria existência por meio da noção de fazer a cidade e são as pessoas que fazem a cidade, os grupos sociais que fazem a cidade.

Então isso será refletido na paisagem em que para Santos (1996) destaca que a paisagem sempre resultara de um processo de acumulação como um mosaico de tempos e objetos datados onde será pressuposto formas e funções em constante transformações com seus aspectos visíveis e por outro lado o casamento entre paisagem e sociedade.

Pois conforme a imagem acima demonstrando a criminalização da pichação em décadas passada nada foi feito com eficácia até os dias atuais, pois, as escritas são um fenômeno social fruto das desigualdades e fragmentações causadas por uma metrópole corporativa que cresce de maneira desigual onde em 2017 com a candidatura do prefeito João Dória foi decretada uma guerra contra os pichadores e grafiteiros da cidade.

Onde vestido com roupas de funcionários da limpeza municipal de São Paulo o prefeito João Dória e seu secretário de subprefeituras Bruno covas saiam pelas ruas e avenidas da cidade cobrindo de tinta cinza os grafites e as pichações essa ação fazia parte

de um programa chamado de cidade linda que previa a limpeza de muros e calçadas em vários bairros da capital paulistana.

Essa perseguição aos pichadores e grafiteiros serviu de atrativo para muitos jovens, pois incentivava que muitos jovens desafiassem as leis implantadas pelo município que fez disso uma iniciativa má sucedida que desde Jânio Quadros a décadas passadas foram fracassadas.

Embora tanto a pichação como o grafite fazem parte de uma manifestação visual subjetiva para muitos jovens advindos da periferia da cidade de São Paulo a aplicação de multas e até mesmo serviços comunitários prestados não intimidam as ações, a maneira como a cidade cresce de forma desigual favorece as ações desses jovens de maneira que as intervenções do estado não solucionam a questão.

A cidade de São Paulo para muitos assume feições de uma cidade global, por distribuir estratégias e informações em seu papel de comando no território nacional, mas a fragmentação do território paulistano causado pelas propulsões capitalistas produz um constante movimento entre os mais pobres do centro a periferia potencializando cada vez mais o surgimento de ocupações precárias sem a presença de políticas urbanas estruturais.

Então os aparelhos ideológicos do estado através de suas políticas repressivas agem de forma cada vez mais hostil na repressão a esses jovens que estão apenas munidos de spray e reivindicando seu espaço na cidade onde o crescimento desordenado da metrópole exclui e delimita cada vez mais os espaços por onde podem percorrer.

Na efetuação da coleta das entrevistas foi perguntado o que achavam do estado na repressão de suas artes pela cidade e algo bem curioso foi contado por um jovem conhecido como Smith advindo da cidade Tiradentes onde o mesmo já teria respondido por quatro processos de vandalismo sendo que dois deles o atribuía uma multa de cinco mil reais do ano de 2017.

Para o jovem Smith até a data desta entrevista no ano de 2024 nada implicou e sua vida segue normalmente, pois o mesmo acrescentou que foi uma medida para intimidar o movimento e servir como palco político sendo que essas ações engendradas pela prefeitura acabaram fortalecendo mais a pichação e o grafite na cidade de São Paulo onde veio a tornar – se uma das metrópoles referencias na *street art*.

A complexidade funcional e desorganizada da cidade de São Paulo cria um repertório de formas, funções e estruturas que podem ser usadas por esses grupos a exemplo os edifícios e muros que criam a sensação de segurança que implica em seu emprego, onde muito desses grupos de jovens geralmente usam para expor seus símbolos

sem pensar em leis ou consequências que lhe podem ser atribuídas, pois o intuito é a prática do role e ter o reconhecimento entre o movimento.

10 O ANONIMATO NA CIDADE DE SÃO PAULO

A pichação e o grafite são um fenômeno típico de cidades grandes e medias, onde existe uma sensação de ser mais um em meio ao caos da cidade, podem aparecer em menor número nas cidades pequenas onde as relações pessoais são mais pautadas já em grandes centros como São Paulo as escritas e desenhos são facilmente vistos por todos os cantos.

A cidade de São Paulo segundo o IBGE ocupa uma área territorial de 1.521,202 Km² com um total de 96 bairros com uma população segundo o censo em 2022 foi 11.451.999, dessa maneira a cidade em sua magnitude forma uma teia informacional que estendesse sobre o território da cidade e tal racionalização cria diversas desigualdades onde os bairros localizados nos extremos são os mais afetados.

Então o grafite e a pichação por si próprio vem como uma ferramenta das relações de poder no território onde muitos em suas saídas procuram atravessar a cidade de um bairro ao outro para deixarem suas marcas e isso faz do movimento uma disputa para obter seus nomes e grafites cada vez mais espalhados.

Para que ocorra essas marcas dentro do território paulistano existem diversas modalidades na pichação e no grafite dentre elas estão uma das mais arriscadas que são o rapel urbano praticado em diversos edifícios e viadutos da cidade, mas nessa disputa pelos espaços na cidade o que vale a pena mesmo é ter bastante marca no território e para isso quanto mais grafites e pichação estiver maior será o reconhecimento do grupo ou indivíduo.

No estudo de Ventura (2009), seja as pichações ou grafites que compõem o ambiente urbano são percebidos como produtos artísticos, simbólicos e possuem uma materialidade no código penal e nas violências sofridas assim a dinâmica urbana paulistana é disseminada revelando os locais deteriorados que passam por um processo de transformação ou obsolescência.

Assim pode praticamente deduzir o tamanho da cidade de São Paulo observando – se a quantidade de pichações e grafites, pois são áreas marcadas por relações impessoais de anonimato que podem demonstrar a desordem urbana.

A paisagem demonstra a disputa pelos espaços e das diferentes formas de apropriação por seus habitantes. Assim os espaços da cidade de São Paulo devem ser

entendidos aqui de forma material e simbólica. Dessa maneira pode – se entender a cidade construída e alterada (material). E como ela é sentida vivenciada e usada por seus habitantes (simbólica) e aqui neste trabalho foi focado em particular como os grafiteiros e pichadores através do anonimato articulam – se junto a cidade que cresce de forma desordenada.

Inspirado na obra de Milton Santos, que expõem em 1990 que possamos entender que a paisagem urbana por seu uso e em sua análise do processo de formação do objeto técnico que é a metrópole paulistana, o uso corporativo é o mesmo que fragmenta a metrópole e assim profunda cada vez mais as desigualdades espaciais.

Esta análise é de extrema relevância pois exatamente das partes fragmentadas e muitas vezes invisíveis que a paisagem de um cotidiano torna – se reveladora que vem sendo apresentada e tanto o grafite como a pichação criam possibilidades de compreender os usos que o território paulistano a partir de seus lugares.

Devido as questões impostas por meio do espaço geográfico e do território passam a surgir emergências teóricas capazes de responderem a dinâmica fragmentaria do espaço social caracterizando um debate referente ao espaço e suas múltiplas dimensões Haesbaert (2002).

O anonimato é algo fundamental para muitos pichadores, já no grafite por ser mais aceito é muito comum em locais de exposição encontrar diversos grafiteiros, em meio os pichadores é comum encontra-los em points espalhados por toda a cidade.

A questão do anonimato entre dos pichadores com a sociedade é uma forma de segurança, claro que nem todos estão preocupados com a exposição, mas em pesquisa foi detectado que uma grande maioria opta pelo anonimato onde ao percorrer pelas ruas e avenidas da cidade foi possível verificar como é arriscado expor seus feitos pelas ruas, pois muitos ainda não veem a pichação com bons olhos.

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi buscado levar em conta como a pichação e o grafite efetuam o uso das paisagens dentro da cidade de São Paulo e a importância que esse movimento tem de revelador de como a cidade é segundo Santos (2019) compartimentada e excludente com aqueles que mais necessitam de serem vistos perante o poder público.

Sendo assim foi buscado demonstrar a história do surgimento da pichação e do grafite na cidade de São Paulo, onde está intimamente atrelada a desigualdade social e

falta de políticas públicas mais eficazes nas periferias, pois o crescimento da cidade faz emergir das periferias a pichação e o grafite como uma ferramenta de comunicação entre os grupos.

Na combinação entre a análise da pichação e do grafite, o território e os jovens foi procurado através da geografia demonstrar como o planejamento da cidade foi dando – se de forma desigual e disso surgiram os movimentos de resistência como o pixo e o grafite e o uso da cidade como suporte para suas escritas e seus desenhos que muitas vezes são indecifráveis por muitos.

Dessa maneira para conclusão do trabalho foram elaboradas diversas saídas a campo pelas ruas de São Paulo e feitas entrevistas com diversos jovens do movimento onde foi percebido como muitos lhe dão com a cidade através de suas escritas e desenhos que muitas vezes são elaborados sem permissão de muitos proprietários.

Assim com as entrevistas e parte do arcabouço teórico foi possível notar como esses grupos saem e efetuam suas marcas pela cidade, em que passam a trabalhar em uma segunda oralidade criando dentro do território uma comunicação em comum entre os grupos e através disso o conceito do professor Zeno Soares Crocetti de território reticulado foi articulado conforme a operacionalidade desses grupos dando significância e demonstrando como eles transpõem as barreiras do território.

Como os grupos são repreendidos através da criação de leis e normas impostas pelos aparelhos ideológicos do estado, submetendo a multas e trabalhos comunitários, mas nada disso faz o movimento para na cidade de São Paulo, pois quanto mais a cidade cresce de forma desigual mais grupos emergem de suas periferias.

Pois a cidade de São Paulo em sua magnitude corporativa se fragmenta cada vez mais criando espaços desiguais e estabelecendo regras de não pertencimento a cidade o que faz esses grupos emergirem e estabelecerem o questionamento pra quem é a cidade a quem ela pertence, nas entrevistas e conversas com muitos foi notado o descaso da cidade com muitos.

O grafite quanto as pichações possibilitam inúmeras interpretações dos espaços onde a disputa acirrada pela cidade não para e age de forma truculenta aos seus cidadãos, assim o presente trabalho abre espaço para a proposição de futuros debates sobre a imersão de grupos de resistência na cidade, pois o crescimento desorganizado e o sentimento de não pertencimento ao território estabelece a criação de novos grupos.

12 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos. Editora Terceiro Nome, 2019.

ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos de Estado. Rio de Janeiro: Graal, v. 2, 1985. Brasil. Lei de crimes ambientais, lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/9605.htm. Acesso em: 28/02/2024

CHASTANET, François; HELLER, Steven. Pixação: São Paulo Signature. XGpress, 2007. CLAUDE, Raffestin. Por uma geografia do poder. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Editora Ática SA, 1993.

CROCETTI, Zeno Soares. O jogo da direita e a nova geografia do capitalismo. Revista Ciência Geográfica, v. 27, n. 4, p. 2305-2327, 2023

DA CUNHA, José Marcos Pinto. Migração intra-metropolitana: movimentos dos pobres?. Revista Brasileira de Estudos de População, v. 12, n. 1/2, p. 59-80, 1995.

DA SILVA, Maria Auxiliadora; DE TOLEDO JUNIOR, Rubens; DIAS, Clímaco César Siqueira. Encontro com o Pensamento de Milton Santos: o lugar fundamentando o período popular da história. Mestrado em Geografia, Universidade Federal da Bahia, 2005.

DE ALMEIDA, Pedro Paulo; FRANZI, Juliana; ROCHA, Marcelo Augusto. Muralismo, grafite e pichação:: potencialidades para a transformação da escola. PragMATIZES-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura, v. 12, n. 23, p. 59-82, 2022.

FRANCO, Sérgio Miguel. Iconografias da metrópole: grafiteiros e pixadores representando o contemporâneo. 2009. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

HAESBAERT, Rogério. Territórios alternativos. GEOgraphia, v. 4, n. 7, p. 97-98, 2002. ISNARD, Hildebert. O espaço do geógrafo.(L'espace du géographe). Boletim geografico do Instituto brasileiro de geografia Rio de Janeiro, v. 36, n. 258-259, p. 5-16, 1978.

LEY, David; CYBRIWSKY, Roman. Urban graffiti as territorial markers. Annals of the association of American geographers, v. 64, n. 4, p. 491-505, 1974.

NABARRO, W. W. A circulação de informações financeiras e a rede urbana brasileira. XIII SIMPURB. UERJ. RIO DE JANEIRO 18 A 22 NOVEMBRO 2013.

SANTOS, Milton. A urbanização brasileira. São Paulo: Edusp, 2013

SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Hucitec, 1966.

SANTOS, Milton. Metrópole corporativa fragmentada: o caso de São Paulo. 2009. ISBN 878-85-314-1159-5.

SANTOS, Milton. O espaço do cidadão. São Paulo: Edusp, 2007.

SANTOS, Milton. Pensando o espaço do homem. São Paulo: Hucitec, 1997.
 VENTURA, Tereza. Hip-hop e graffiti: uma abordagem comparativa entre o Rio de Janeiro e São Paulo. *Análise Social*, p. 605-634, 2009.

Pesquisas internet:

www.estadao.com.br/fotos/acervo/historia-da-pichacao-e-do-grafite-em-sao-paulo/

Produções audiovisuais:

CRIPTOGRAFIA URBANA. Documentário. Disponível em: Acesso em 13/10/2023.

13 ENTREVISTAS

As entrevistas foram realizadas de maneira simples e objetiva em conversa formal nos points, festas e saídas para observar as formas que eram feitas as ações e para isso foi utilizado um roteiro.

- 1). Por que pichar ou grafitar
- 2). Qual a técnica que utiliza para fazer as pichações ou grafites
- 3). Qual é a motivação
- 4). Qual a relação com as autoridades de segurança

Vogal, 25 faz diversos desenhos por algum tempo é morador de Pinheiros e conheceu a escola do grafite muito cedo na região da vila Madalena, teve influência na sua arte dos artistas boleta, mazu, ninguém dorme e demais frequentadores do Studio local, onde permanecia por horas observando as ações de diversos artistas, geralmente chega pintando os muros onde inclusive já respondeu por alguns processos e sempre faz suas ações durante o dia.

Cmd, 35 faz tags que são assinaturas, iniciou por diversão junto alguns conhecidos como nasa e vogal morador da cidade de São Paulo da região central no bairro da Luz teve diversas influencias dentre elas a noite paulistana e os movimentos undergrounds da cidade como festas punks e leituras anarquistas que obteve na universidade.

Faz os tags na região central de São Paulo mais por diversão e adrenalina utiliza geralmente canetas específicas para tal ação a motivação geralmente é a forma que a cidade expõem suas estruturas em meio a todo o caos urbano exemplo bancas de jornal locais perfeitos para expor o tag.

Nasa 40, iniciou na pichação ainda nos anos de 1996 no bairro de São Miguel Paulista localizado no extremo leste da cidade de São Paulo iniciou no movimento ainda na escola onde depois partiu para a prática nos bairros adjacentes e na sequência a região central da

cidade.

As influencias foram os pichadores mais antigos do bairro como morto, mutants, Dil, oitavo batalhão, detenção, trombadas e pecado, pois trabalhava no centro como office boy sempre avistava essas pichações pela região central foi aí que passou a criar sua própria técnica para fazer suas pichações em edifícios e marquises.

A motivação era o reconhecimento dos demais grupos e o convite para fazer parte de grifes e convites para pichar junto, já a relação com as autoridades nunca foi tão amistosa geralmente ao ser pego pichando e pintado pelos mesmos e isso causava danos com perdas de roupas e constrangimento fora as agressões sofridas.

Mutants mns 45, morador da zona leste da cidade de São Paulo e iniciou em 1994 andando de skate pelo bairro passou a conhecer outros que já faziam pichações como sancin que significava Sandro e Cinthia, detidos e MDA moderadores do apocalipse foi então que sentiu a necessidade de criar um grupo e expor o nome nas paredes também.

Dessa forma Mutants mns iniciou sua trajetória pelas ruas de São Paulo onde veio a conhecer depois seu parceiro de saídas para efetuarem suas pichações que foi o ninja do grupo profecia que em 1995 essa parceria rendeu o nome da grife os infernais, pois os dois eram conhecidos na época como a dupla infernal dessa junção que surge o nome da grife.

Psadelo Smith 41, adora pichação e grafite e tudo que está relacionado na street art paulistana, admirador do hip hop, nascido e criado na zona leste de São Paulo é envolvido com o movimento do pixo mais de 20 anos e atualmente está trabalhando com grafite comercial em fachadas de escolas e comércios.

A motivação para efetuar tanto as pichações como o grafite é o modo que as cidades mantem suas estruturas de forma desorganizada, muitas vezes chegam até sobreporem as vontades humanas a exemplo a construção desenfreada de prédios em toda cidade de São Paulo isso lhe incomoda tremendamente, pelo simples fato de criar trânsitos e diversas sombras artificiais.

Dionr 47 admirador do movimento hip hop desde muito novo quando ainda tinha por volta de seus 12 anos de idade, iniciou – se na pichação de um grupo conhecido como turma 44 da região da zona leste, atualmente dionr trabalha somente com grafites e promove diversos trabalhos para artistas renomados no mundo da street art como Os gêmeos, Finok, Ise, kauor e outros que contratam seu serviço.

Quando pichava fazia diversas escritas utilizando cabo e rolo de tinta e procurava sempre efetuar letras grandes para chamar atenção por que acredita que isso possibilita chamar uma maior atenção, pois no grafite também procura utilizar as mesmas técnicas

onde observa os fluxos de transeuntes e combinação com o meio no qual irá aplicar sua arte.